

## diálogos insurgentes

# Entrevista com o professor Alder Júlio Ferreira Calado

## Professor Alder Júlio Ferreira Calado interview

**Alder Júlio Ferreira Calado**<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

**José Humberto de Góes Junior**<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás, Curso de Direito, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: humberto\_goes@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8787-8809>.

**Ciani Sueli das Neves**<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Universidade Católica de Pernambuco. Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4635-5582>.

Submetido em 29/01/2022. Aceito em 29/01/2022.

**insurgência**

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, v. 8, n. 2, 2022  
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.  
Este trabajo es licenciada bajo una Licencia Creative Commons 4.0.  
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

## Entrevista com o professor Alder Júlio Ferreira Calado

Entrevista realizada por videochamada em 25 de novembro de 2021<sup>1</sup>

**Professor Humberto:** Olá, professor Alder Júlio, professora Ciani. Prazer estar aqui com vocês e já de imediato vou passar para a professora Ciani para ela saudar o nosso convidado e fazer as perguntas que a gente já elaborou para esse momento com o professor Alder, que é uma pessoa, para nós, muito importante quando se fala em pensamento freireano, pedagogia libertadora, educação libertadora. Então, Ciani, por favor, fique à vontade. Obrigado por compartilharmos esse momento.

**Professora Ciani:** Olá, professor Alder Júlio. Olá, professor Humberto. Registrada a alegria de a gente estar aqui, ainda que remotamente, para partilhar um pouco da história de alguém que é tão importante para a gente que escolhe a docência como ofício, como compromisso político, que é Paulo Freire. Fazer essa troca também com o professor Alder Júlio, que, para mim, tem um significado porque foi a pessoa que me apresentou Paulo Freire... eu sempre digo que é a partir do professor Alder Júlio que eu conheci Paulo Freire e conheci Florestan Fernandes, dois autores de grande importância para minha formação. Agora, quando volto para fazer doutorado, eu reencontro Paulo Freire mediada por minha orientadora e fico no desejo de promover um encontro entre ela e Alder Júlio, para ver o que sairia dessa conversa entre duas pessoas que admiram tanto Paulo Freire. Obrigada, professor Alder. A gente queria pedir que o senhor se apresente da forma como julgar mais conveniente.

**Professor Alder Júlio:** Quero expressar a minha alegria de estar aqui e o agradecimento pelo convite feito pelo professor Humberto Góes, a quem cumprimento, e pela professora Ciani, a quem mando minhas saudações igualmente freireanas. Eu sou Alder Júlio Ferreira Calado. Sou nascido em Pesqueira, Pernambuco, terra dos Xukuru, de quem eu também me sinto um Xukuro desaldeado.

---

<sup>1</sup> Apoio técnico: Luiza Oliveira Góes Gonçalves, estudante de Direito da Universidade Federal de Sergipe.

Tenho muito orgulho dessa origem, combinada com a origem também afro-brasileira. Eu sou negro, sou afrodescendente. Sou movido a paixão e a liberdade. Depois desses primeiros contatos em Pesqueira, onde tive a minha formação inicial, onde frequentei as escolas, principalmente o grupo Rui Barbosa (eu me lembro todos os dias das professoras que passaram pela minha vida e, por elas, também faço meus votos, minhas orações), segui caminho. Aos 12 anos, entrei no seminário de Pesqueira, em Pernambuco, Seminário São José. Depois, passei um ano em Aracaju, também no seminário. Depois, terminei o ensino médio em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Lá, foi muito importante para o meu desenvolvimento da consciência crítica, ao participar, às escondidas, da JOC (Juventude Operária Católica), cujo trabalho muito me impactou positivamente. Não é hora de dizer isso, mas me permitam... Ao participar da JOC, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, fugindo do seminário... Era um seminário relativamente aberto. Vivíamos tempos conciliares, e, mesmo assim, não era tão aberto assim. Então, eu fugia do seminário para participar das reuniões da JOC no centro da cidade e é exatamente lá, em 1967/1968, mais precisamente em 1968, que eu começo a tomar conhecimento de ideias que, até então, me eram pouco frequentes. Eu me refiro ao marxismo. Em 1968, poucos meses antes do decreto do AI 5, estávamos nós em grupo em Santa Maria a fazer trabalhos, tarefas com certo risco. Eu me lembro que, no dia 1º de novembro, na noite para o dia 2 de novembro (Dia de Finados), eu fiz parte de um grupo formado por três rapazes e duas moças, cuja tarefa era levar panfletos de protestos contra a ditadura, driblando a vigilância, porque Santa Maria era uma cidade muito vigiada, muito militar, ao mesmo tempo, formada por muitos estudantes. Naquela época, havia dezesseis cursos universitários... Também era uma cidade ferroviária. Então, tratamos de, em torno de onze horas da noite, sair driblando a vigilância até chegar ao cemitério. Pulamos o muro, jogamos os panfletos e, no dia seguinte, aqueles que iriam visitar seus entes queridos no cemitério achavam aqueles panfletos que teriam sido jogados pelos comunistas. Isso, a poucos dias da decretação do AI 5. A poucos dias! Eu acho que foi, portanto, um mês, mais ou menos, pouco mais de um mês, um mês e treze dias. Em 13 de dezembro, veio o decreto do AI 5. Eu quero dizer que eu tenho muita saudade desse tempo, que é um tempo de militância, inclusive, de estudos também do marxismo. A partir da influência que a JOC, naquela época, tinha da AP (Ação Popular), a gente, então, buscava crescer nesse sentimento de resistência à ditadura militar a partir, inclusive, de folhetos que eram muito bem feitos sobre conceitos marxistas. Eu me lembro de alienação, da parte de exploração capitalista, mais valia e outros mais. A gente sempre recebia o recado: “olha, não

distribuem. Não deixem que outras pessoas leiam esses folhetos porque são de formação, mas eles correm um certo risco. Então, ao chegarem aos seus lugares de moradia, não deixem que as pessoas vejam”. Bom, eu faço esse longo parêntese, pedindo desculpas a vocês, porque não é hora de falar sobre isto.

**Professora Ciani:** Professor Alder, como se dá a sua relação com a pessoa e com o pensamento de Paulo Freire?

**Professor Alder Júlio:** A trajetória de Paulo Freire, como aconteceu a tantas e tantos, também a mim sempre exerceu muita influência, além do fato de ele ser um tradutor e uma expressão fiel daquelas correntes em que mais firmemente bebo. Eu falo, entre tantas correntes, duas principalmente: a corrente da teologia da libertação e a corrente marxiana. São essas duas que me têm alimentado a fé e a vida até hoje. Eu as estudo desde tenra idade, tanto em relação a Marx e à teologia da libertação, correntes às quais Freire também se filia e está tão organicamente ligado. Então, a partir dessas influências maiores que eu registro na minha trajetória, nasce a influência de Paulo Freire, alguém que dialoga muito bem com essas duas correntes – claro que dialoga também com outras, com o existencialismo, com o personalismo de Emmanuel Mounier, com outras tendências do nosso tempo –, de modo que, por conta dessas correntes, que vem a figura de Paulo Freire, a quem acompanho já de um bom tempo pra cá e me sinto muito tocado pelo seu legado existencial. Me sinto muito tocado. Evidentemente, eu o conheci pessoalmente bem mais tarde, depois do exílio, mas, sobre isso, falarei no seu devido momento. Apenas para registrar essas duas fontes com as quais Freire dialoga e que, para mim, correspondem a fontes de inspiração de vida, de minha trajetória de vida desde tenra idade. Com aproximadamente 18 anos, eu começo a mergulhar um pouco nessas duas fontes que me têm alimentado na minha trajetória de aprendiz, militante e pesquisador, principalmente, na educação popular e nos movimentos sociais populares.

**Professora Ciani:** O senhor esteve com Paulo Freire algumas vezes. Quando ocorreram esses encontros e em que circunstâncias eles ocorreram?

**Professor Alder Júlio:** Pois não! Em 1964, quando aconteceu o golpe civil-militar, eu tinha 15 anos, de modo que, quando Paulo Freire vai para o exílio, eu não tinha contato pessoal com ele. Só depois do exílio – 15 anos depois – é que a gente vai tendo ao mesmo tempo aproximação, pela leitura dos seus livros, pelo aproveitamento de sua capacidade interpretativa do mundo e da realidade, dessa leitura de mundo tão fortemente freireana. Já nos anos 1980, se dão alguns encontros. Eu me refiro a dois episódios especialmente. Um na FAFICA (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de

Caruaru), em que eu fiz meus estudos de Ciências Sociais entre 1969 e 1972 – depois, me tornei também professor da FAFICA ao mesmo tempo em que era professor da AESA (Associação de Ensino Superior de Arcoverde), em Pernambuco. Passei muito tempo viajando entre Arcoverde e Caruaru, tanto como estudante e, depois, como professor... Por volta de 1986, na FAFICA, naquela efervescência política das “Diretas Já”, da eleição de Sarney, dos preparativos para a campanha eleitoral de 1986 e, depois, da Constituinte – eu fui candidato a deputado constituinte – conheci Paulo Freire pessoalmente, quando ele veio à FAFICA a convite da direção e dos professores e professoras para fazer uma palestra, nos seus termos, com sua própria linha. Nesta ocasião, tem uma particularidade que, após a fala de Paulo Freire e o debate bastante intenso que ele proporcionou, eu solicitei uma entrevista com ele. Não era bem uma entrevista. Era, na verdade, um depoimento que eu solicitava em apoio aos trabalhadores e trabalhadoras ocupantes da Fazenda Caldeirão. Começava um tempo mais intenso de ocupações das propriedades improdutivas e uma delas esteve ali, pertinho de Arcoverde, numa cidade chamada Pedra. A fazenda Caldeirão estava abandonada havia algum tempo, enquanto muitas famílias estavam sem-terra e desejosas também de trabalhar e produzir. Então, acompanhamos de perto, desde Arcoverde. Na época, eu já pertencia ao PT, do qual fui fundador desde o movimento pró-PT em 1979. Com a vinda de Paulo Freire, com o reforço dele também... eu tinha a confiança de que ele não se negaria a conceder este depoimento de apoio aos trabalhadores e trabalhadoras acampados da Fazenda Caldeirão e ele não se negou. Fez a sua fala e tratei o quanto antes de fazê-la chegar aos ouvidos dos trabalhadores e trabalhadoras ocupantes da Fazenda Caldeirão, na Pedra. Daí, resultaram avanços nessa luta, de modo que, logo depois, este acampamento virou assentamento com a emissão pelo INCRA de autorização. Lembro que no dia da imissão de posse estava conosco o professor, que foi colega meu de mestrado, Francisco Castro, diretor do INCRA naquela altura. Foi muito interessante ver a alegria dos trabalhadores e das trabalhadoras da Fazenda Caldeirão escutando o testemunho, o depoimento, o apoio explícito que Paulo Freire lhes dava naquela ocasião. Esta foi uma primeira ocasião de contato pessoal com Paulo Freire. Outra ocasião se deu cinco anos depois, já fora do Brasil, quando eu estava fazendo meu doutorado em Sociologia com a orientação do professor Michael Löwy. Mais ou menos na altura de 1990, Paulo Freire já estava saindo do seu cargo de Secretário da Educação da cidade de São Paulo, sob o governo de Luiza Erundina. Ele tinha passado dois anos à frente daquela secretaria, tinha perdido a sua esposa, a professora Elza Freire, e estava enamorado de Ana Maria Araújo. Foi nessa

ocasião, então, que ele fez uma viagem à França, a Paris, e, lá, nos encontramos com um grupo de colegas doutorandos e doutorandas na casa da professora Maria Eliete Santiago, muito conhecida. É uma freireana. Foi orientanda de Paulo Freire também e, nesta ocasião, tratamos de trocar ideias sobre a conjuntura nacional e internacional, bem ao estilo freireano. Aliás, nós temos fotos – e faremos chegar a vocês – desse registro feito na casa da professora Maria Eliete Santiago em que estávamos com outros colegas saudando a presença de Paulo Freire.

**Professora Ciani:** Falando da obra de Paulo Freire, o que a obra dele representa para a educação no Brasil e no mundo?

**Professor Alder Júlio:** A gente observa, principalmente agora, quando da comemoração dos 100 anos do seu natalício, o número expressivo de atos e celebrações comemorativos do legado de Paulo Freire. São centenas. De quantos atos eu mesmo participei com tanta gente também do ano passado [2020] até 19 de setembro deste ano [2021]? Quantos e quantas? Isso mostrando a relevância do legado de Paulo Freire, que também é formado, evidentemente, pela sua vasta obra. No entanto, a gente sempre diz que o legado de Paulo Freire há de ser entendido para além dos seus escritos, para além dos seus pronunciamentos, para além de suas entrevistas, para além de outras expressões escritas. Há de ser entendido no seu conjunto e, principalmente, no seu agir cotidiano, na sua práxis. É importante notar que Paulo Freire – não é o único evidentemente – é uma figura que inspira confiança por sua práxis. É alguém que sempre busca organicamente articular o que ele sente com o que ele pensa, o que ele quer com o que ele sente e ele pensa e o comunicar com o que ele quer, com o que ele sente e o que ele pensa. E, assim, é Paulo Freire... é alguém que, consciente dos seus limites, nos dá a impressão de alguém que mantém uma coerência, manteve uma coerência ao longo da sua vida. Isso dá um testemunho grandioso e, portanto, impactante, de sua obra também – uma obra vasta. Não temos dúvida de que, desde seus primeiros trabalhos, também o trabalho de tese de doutorado para a admissão na Universidade Federal de Pernambuco, há algo de valioso no que diz em seus escritos. Eu destacaria a “Pedagogia do Oprimido”, elaborada em 1968 e publicada em 1970. Tem uma marca profundamente freireana de entendimento da realidade, recorrendo a várias correntes de pensamento, especialmente do Marxismo, e a outros autores, outros filósofos, que também o ajudaram a pensar aquele livro. É um livro fundamental, como é também o “Educação como Prática da Liberdade”. Esta é outra grande obra freireana, de grande importância. Conta com a ilustração ao final do livro, que é daqueles desenhos primorosos elaborados pelo seu amigo Abelardo da Hora.

Quem presta bem atenção naquelas ilustrações, reconhece a genialidade freireana do ponto de vista de sua pedagogia da liberdade, para a liberdade. Há uma sucessão de outros textos dele, como “Extensão ou Comunicação?”... (nesta época, ele já estava exilado no Chile, onde colaborou muito com os trabalhadores e trabalhadoras na luta pela reforma agrária). Mas também, outros livros seus que terão grande importância, incluindo aqueles que foram fruto do seu exílio na Suíça, em Genebra, a partir de onde ele era convidado a colaborar, pelo Conselho Mundial de Igrejas, em várias partes do mundo, principalmente na África, naqueles países cuja segunda língua era o português. Ele teve uma colaboração mais próxima..., qual ele faz referência em seu livro “Cartas à Guiné-Bissau”. É sempre alguém que trabalha em equipe, é sempre alguém que reconhece o trabalho em mutirão. Assim foi no Brasil, em Angicos, por exemplo. Assim foi na Suíça, assim foi para onde ele foi chamado. É sempre alguém trabalhando em equipe e é por conta do mutirão, a que ele dá muita importância, que há um aprendizado contínuo em Freire. Ele valoriza tanto o aprendizado de quem é capaz de articular-se com o mundo e com a gente... Aí, está sua amorosidade. Como ele mesmo dizia: “eu sou intelectual que ama o mundo e ama as gentes e porque ama o mundo e ama as gentes é que eu luto para que a justiça social se implante antes da caridade”. É, portanto, alguém que tem uma perspectiva de amorosidade ao longo de sua vida. Talvez, seja essa categoria “amorosidade” a que mais acompanha a trajetória existencial de Paulo Freire. Evidentemente, ele tem outros livros mais adiante publicados e de volta do exílio também. Um deles é muito pouco falado, mas ao qual eu dou muita importância, tendo por título “Multinacionais e Trabalhadores no Brasil”. É alguém que estava preocupado com a invasão das transnacionais em todo o mundo, na América Latina e ele estava atento, buscando colaborar com os trabalhadores e trabalhadoras também no Brasil. Não é por acaso que, de regresso ao Brasil, ele trata de mergulhar nas iniciativas mais fecundas do ponto de vista político e cultural. Do ponto de vista político, por exemplo, era um dos sócios, um dos primeiros assinantes da carta de apoio de filiação ao Partido dos Trabalhadores. Aí, estava Paulo Freire, mas não só ele – eu lembro da figura de Manuel da Conceição, do Maranhão que partiu recentemente e a quem o Jornal das Comunidades faz uma homenagem muito bonita em seu último periódico. A partir de uma equipe, ele vai formando o que se chama CENTRU, Centro de Educação dos Trabalhadores Rurais. É um centro que tem uma inserção muito grande em vários Estados do Brasil, principalmente no Nordeste. Eu próprio participei de algumas ações promovidas pelo CENTRU, tanto em Arcoverde como em São Sebastião do Umbuzeiro, na Paraíba. Lembro também de muitas figuras

que participavam dessa mesma iniciativa. Mas, Freire estava de volta ao Brasil visitando suas gentes, visitando a partir de Recife, mas também em São Paulo, na PUC, onde ficou de maneira mais afirmativa. Visitando o Brasil, visitava Juazeiro da Bahia, onde passou a convite de José Rodrigues duas ou três semanas com as comunidades de base daquela região, visitou também Serra Redonda, na Paraíba, em que há o Centro de Formação Missionária, passando algumas semanas, a convite da grande figura do teólogo e padre José Comblin, que é também outra figura sobre a qual me referirei daqui a pouco. Paulo Freire continua o seu ritmo de produção: "Ação cultural para a Liberdade", depois vem também "Educação e Mudança", depois vem a "Pedagogia da Esperança", vem a "Pedagogia da Pergunta", até um dos últimos que ele produziu, que é o conhecido "Pedagogia da Autonomia". Aliás, todas as Pedagogias freireanas têm uma relevância muito grande na caminhada daqueles e daquelas que se identificam com seres humanos chamados a serem mais, chamados à libertação.

**Professora Ciani:** Eu acho que essa pergunta seguinte já foi mais ou menos respondida, mas eu vou fazê-la assim mesmo. O que representa Paulo Freire para a formação de um pensamento brasileiro?

**Professor Alder Júlio:** Muito bem! Embora, de fato, esteja a pergunta de certa maneira contemplada na resposta anterior, você tem toda razão que há ainda muito a explorar e a entender Paulo Freire como um desses grandes intérpretes, mulheres e homens da formação da sociedade brasileira, ao lado de Florestan Fernandes, Álvaro Vieira Pinto e outras figuras que os antecedem. A gente tem que recolher muito dessa capacidade de leitura do Brasil. O próprio Antonio Candido, por exemplo... Há figuras primorosas de interpretação da sociedade brasileira, que, de certa maneira, com uma distância em relação a Gilberto Freyre ou mesmo a Sérgio Buarque de Holanda, mas aproxima-se também desse outro grande intérprete brasileiro que é Caio Prado Júnior. Então, Paulo Freire vem se juntar a esse grupo de intelectuais que têm a capacidade de interpretar a realidade brasileira com um olhar diferenciado daqueles que, por exemplo, nos anos 1930, tiveram um papel maior, também de reconhecimento. É preciso ser aliado desta interpretação crítica, desta interpretação sob o ponto de vista da classe trabalhadora, ponto de vista ao qual figuras como Paulo Freire, Florestan Fernandes, Antonio Candido se juntam de forma distintas daquele olhar da interpretação do Brasil dos anos 1930. Paulo Freire tem uma capacidade muito grande de interpretar o Brasil fazendo questão de dizer que ele se incomodava muito com essa tendência, que é grande hoje também, de superestimar a individualidade de Paulo Freire, ou seja, quase ocultando ou omitindo as grandes influências em que ele tem

para a formulação do seu pensamento. Eu me refiro a várias correntes de pensamento, como o pensamento marxiano, o pensamento marxista, e cujas obras vão refletir esse apanhado que ele faz da leitura marxiana, da leitura marxista – não somente em Marx, mas também Engels, Rosa Luxemburgo... Gramsci, especialmente, e outros mais. Ao mesmo tempo, ele faz questão nas notas dos seus livros – e são tantos livros – de mencionar outras figuras do existencialismo, do personalismo e da própria teologia da libertação. É um autor cuja genialidade está não propriamente em reivindicar paternidade de seus conceitos, mas muito mais de aprofundar esses conceitos de maneira genial. É aí em que está sua maior contribuição. Mais adiante, a gente vai voltar a este caso quando estiver falando de outros aspectos a respeito de Paulo Freire.

**Professor Humberto:** Professor Alder, o senhor estava falando de “Extensão ou Comunicação?” e eu queria fazer uma ponte de “Extensão ou Comunicação?” com duas outras obras, que são “Educação como Prática da Liberdade” e “Pedagogia do Oprimido”. O primeiro livro de Paulo Freire é “Educação como Prática da Liberdade” e, depois, vem “Pedagogia do Oprimido”. Já nesse livro ele tem uma preocupação muito grande de fazer uma análise, um diagnóstico do que ele chama de cultura. Há uma preocupação muito grande em discutir o conceito de cultura, tentando entender a relação entre o ser humano e a produção de cultura para poder justificar uma educação como prática da liberdade. Nos dois livros, ele reivindica uma Antropologia ao conceituar o seu fazer como uma Antropologia. A gente poderia dizer que, apesar de Paulo Freire, tanto em “Educação como Prática da Liberdade”, mas, sobretudo em “Pedagogia do Oprimido”, em que traça o seu método de ensino, em “Extensão ou Comunicação?”, concebe melhor um método, agora voltado para a pesquisa? Na tentativa de fazer um diagnóstico da realidade, entendendo que os conceitos não são adequados, que essa realidade pede outro tipo de conceitos, como o conceito de comunicação no lugar daquilo que se fazia como extensão naquele momento, podemos dizer que Paulo Freire apresenta o seu método, agora, para o âmbito da pesquisa? Ou o tempo inteiro ele fala de pesquisa, independentemente de “Extensão ou Comunicação?”, de “Educação como Prática da Liberdade”, de “Pedagogia do Oprimido”? O que o senhor poderia dizer para nós sobre a pesquisa na obra de Paulo Freire?

**Professor Alder Júlio:** Humberto, muito grato pela pergunta e pelos argumentos trazidos nessa direção. Eu diria que, no caso de Paulo Freire, essa inquietação dele se expressa muito bem – na linha que você vinha apresentando – em “Extensão ou Comunicação?”, que tem uma vinculação forte com “Educação como

Prática da Liberdade”, que é de 1967. Lembro que o prefácio é de Francisco Correa Weffort, – na época, genro de Paulo Freire, mas hoje não sei como é que anda essa parte – mas, enfim, um belo prefácio. A gente nota a preocupação freireana também no campo da Antropologia. Isso vai redundar em outros livros também e “Extensão ou Comunicação?” e mesmo em “Pedagogia do Oprimido” e outras “Pedagogias” em que ele explora isso. A observação que eu faço a partir de sua provocação é que a gente pode entender um Paulo Freire exercitando ao mesmo tempo o campo específico da Educação, mas também da Sociologia, da Antropologia, da Economia, da História, enfim..., alguém que trabalhava em qualquer um dos seus textos de maneira interdisciplinar. Eu, depois, vou falar também, além de interdisciplinar, transdisciplinar, porque o mundo de Freire era tão aberto que nele não cabiam apenas as ciências – múltiplas que fossem. Mesmo que elas estivessem em diálogo, como ele sempre trabalhou, ele também tinha necessidade e ansiedade de ultrapassar o mundo das fronteiras científicas disciplinares, mas buscando também captar o saber popular, milenar, em conjunto com o saber artístico, o saber filosófico, o saber técnico. É alguém muito motivado a uma sabedoria muito mais do que a uma ciência. Eu, de minha parte, até prefiro a palavra “sabedoria”, que vem do verbo saber (*sapere*). O termo latino originário de saber tem, ao mesmo tempo, o sentido de “gosto” e o de “olfato”. Então, sabedoria é muito mais completo como termo do que a palavra ciência, que normalmente acentua muito a parte intelectual, que é legítima, que é importante, que é um bem para o ser humano, mas é preciso acoplar sempre a parte cognitiva, a parte intelectual, às outras dimensões do ser humano, à dimensão, por exemplo, afetiva (por isso, a sua amorosidade está sempre presente em todas as suas obras, o seu legado), à dimensão do querer ou volitiva, à dimensão da práxis ou fazer, à dimensão do comunicar-se. É alguém que trata de costurar muito bem, como um exímio tecelão da utopia, esses fios existenciais, procurando imprimir a sua amorosidade, tal como ele vivenciou. Então, eu sinto que essa pergunta auspiciosa dá oportunidade de a gente entender esse Freire ao mesmo tempo antropólogo, ao mesmo tempo filósofo, ao mesmo tempo sociólogo, ao mesmo tempo educador. Falar em Paulo Freire, e também nas suas obras, é ligar sempre, é defrontar-se sempre com essa interconexão. Não é por acaso que ele também é chamado de o “menino conectivo”. É alguém que está para costurar os mais variados tecidos e buscar nesta costura uma unidade. É alguém que buscou incessantemente construir comunitariamente a unidade na diversidade. Eu sinto que essa pergunta me dá uma oportunidade grande de ilustrar outros traços do mesmo Paulo Freire.

**Professora Ciani:** Eu vou pegando carona aqui, professor Alder, para já perguntar quais são os conceitos centrais que o senhor identifica na obra de Paulo Freire.

**Professor Alder Júlio:** Pois não! De um, já falamos, que é essa “amorosidade”. A “amorosidade” persegue a trajetória existencial desta figura. Em tudo, estava essa carga profundamente afetiva. A gente escuta relatos de Ana Araújo, sua esposa, sobre Paulo Freire ser alguém necessitado sempre de conversar olho no olho com o outro, tocando o outro também, ou seja, expressando sua carga afetiva e este é um traço presente nas várias dimensões, nos vários filmes existenciais que a gente pode mencionar de Paulo Freire, tanto do ponto de vista de sua ética, do seu agir, um agir que buscava combater esta tendência atual coletiva e individual de a gente sentir uma coisa, pensar uma segunda, querer uma terceira, fazer uma quarta, falar uma quinta. Há uma sociedade esquizofrênica e também pessoas esquizofrênicas. Ele também tratou de combater muito este risco e esta tendência que a gente enfrenta nos dias de hoje. É alguém íntegro e a integralidade é que constitui também um eixo de sua “amorosidade” tão presente nas várias dimensões de que ele trata: a dimensão cósmica, a dimensão ética – já falei –, a dimensão estética, a dimensão de gênero – em que ele é aprendiz e quem ler o livro “Pedagogia da Esperança” vai se deparar com relatos de alguém muito sincero, reconhecendo-se “inacabado”, sendo essa, inclusive, outra categoria freireana, mas eu vou continuar no meu exemplo... Em “Pedagogia da Esperança”, que ele publicou 20 anos após a “Pedagogia do Oprimido” e quando já estava de volta ao Brasil, ele relata seus contatos com as mulheres nos Estados Unidos, com as feministas mais especialmente e das quais ele ouviu referências elogiosas que simpatizavam muito com o seu pensar, com as suas propostas pedagógicas e para além da pedagogia. No entanto, as incomodava o fato de ele sempre se referir aos fatos e aos acontecimentos sempre no plural masculino e elas, a justo título, cobravam coerência dele neste ponto também. A primeira reação de Freire era dizer: “olha, eu faço assim, mas vocês deveriam sentir-se incluídas quando eu uso o masculino plural”. Mas, elas insistiram, a justo título. Ele teve que reconhecer humildemente que não era um procedimento adequado tratar as mulheres contentando-se com o masculino plural. A partir de então, ele passa a flexionar o gênero e isso é um aprendizado importante de Freire, que, de maneira humilde, narra esse e outros aspectos da autocrítica de enfrentar e saber reconhecer o seu erro para poder, então, crescer mais. O “inacabamento” estava exemplificado nesse acontecimento. Esta é uma outra categoria forte em Freire. O “inacabamento” é característico de todo ser humano,

diferentemente de outros animais. O ser humano, no entanto, não nasce programado, nasce em aberto, nasce inacabado e é exatamente o contexto relacional, o contexto comunitário, que proporciona ao ser humano aprendizados múltiplos, também, ouvindo, observando, conversando e aprendendo com os outros. Como os outros, enfrentam e vencem suas dificuldades e seus desafios. Aqueles que estão em convivência vão também compartilhando os seus limites, mas aprendendo como vencer esses limites comunitariamente também. “Relacionalidade” é outra categoria importante. Faz parte da práxis e, quando eu digo práxis, não quero dizer que Freire seja o criador dessa categoria. Ela precede muito, precede até a Marx. No entanto, mais do que uma categoria é um jeito freireano de levar a vida. É a práxis como aquela carga que vai fazer confluir teoria e prática como faces da mesma moeda. “Diz-me qual é a tua prática e eu vou te dizer qual é a tua teoria”. Estão imbricadas sempre prática e teoria. Freire trabalha isso muito bem na sua práxis. Assim, a “práxis” é uma categoria importante no universo vocabular freireano, como é também a do “inédito viável” ou do “esperançar”, que ele trabalha bem em “Pedagogia da Esperança”. O “inédito viável” é bem trabalhado na “Pedagogia do Oprimido”. Há uma afinidade muito grande entre essas categorias. Eu vejo que, em Freire, ao mencioná-las, estamos aqui refletindo, há um conjunto, há um cenário muito afinado, em que ele sempre traz à tona a necessidade de a gente ter aceso o horizonte, a utopia ou, se quiserem, o “inédito viável” ou, se quiserem, o “esperançar”. É necessário ter sempre aberto esse horizonte de contínua transformação, de contínua mutação pessoal e social também. Esse horizonte tem que estar sempre aceso. Sempre que eu falo nisso, eu me lembro de um filme a que vocês podem ter assistido chamado “Queimada”, em que havia a personagem de José Dolores, um negro representando os cativos no Haiti, lutando pela sua liberdade, expulsando os invasores portugueses e ele sempre dizia, depois que amargou uma lição grande ao se aliar aos ingleses para expulsarem os portugueses, como se os ingleses trouxessem algo diferente substancialmente daquilo que tinham produzido os portugueses: “é melhor saber para onde ir sem saber como do que saber como e não saber para onde ir”. Freire, ao relatar, ao frisar, o “inédito viável” falava na necessidade de a gente ter sempre aceso esse horizonte para saber para onde a gente está caminhando, aonde a gente está indo, se os passos que nós estamos dando hoje na história estão nos levando para este mesmo horizonte ou se estamos desviando do caminho ou se estamos inclusive retrocedendo em relação ao caminho que nós dizemos acreditar. Esse horizonte é muito fortemente presente nesta categoria do “inédito viável” ou “esperançar”. Outra categoria importante, da qual ele fala menos, no

entanto, faz muito em seus livros, na sua prática, é a “memória histórica” ou da “historicidade”. A “memória histórica” busca tirar lições das lutas populares, das lutas sociais no mundo, na América Latina, no Brasil, de onde a gente estiver buscando tirar lições coletivas e individuais. Essa memória exercitada não é aquela que apenas nos move ao saudosismo, mas é aquela que nos empenha a buscar reforçar nossa luta com uma compreensão de que não se pretenda, com isso, reeditar as práticas dos movimentos sociais populares, das lutas sociais que foram travadas há 50, 100, 200, 300 anos. Reeditar é algo inadequado, é algo quase impossível, mas a gente precisa extrair as lições de vitórias e as lições de reveses também. É preciso buscar nos fortalecer dessa energia revolucionária para enfrentar melhor, de maneira exitosa, os desafios antigos e que persistem, além dos novos desafios. Então, são essas as categorias que, no momento, gostaria de acentuar.

**Professor Humberto:** Professor Alder, o senhor fala do “inédito viável” e esse conceito está muito relacionado a um conceito que é muito amorosamente expressado por Paulo Freire que é o de “ser mais”, de não ser o mesmo que a gente é no dia anterior ou no momento anterior, mas ter sempre essa capacidade de “ser mais”. O senhor poderia dizer se essa preocupação com esse conceito em Paulo Freire está relacionada à essa capacidade de aprender de que o senhor falava, a essa necessidade que ele tinha de aprender, o que leva Paulo Freire a querer “ser mais” e a teorizar sobre isso?

**Professor Alder Júlio:** Excelente. Mais uma vez, obrigado pela contribuição da pergunta que nos proporciona a avançar nessa mesma direção. Estamos construindo também o saber em mutirão neste momento. No caso de Freire, é importante observar que é a “curiosidade epistemológica”, uma expressão sua no livro “Pedagogia da Autonomia”, que leva um ser humano nesta busca de um ser vocacionado à “liberdade”. A “liberdade” em Freire diz mais do que uma sobrevivência biológica, por exemplo. As flores e os animais, de quem a gente cuida e a quem a gente ama, se satisfazem com uma bebida, uma água, com cuidado na terra. Ao ser humano, isso não satisfaz. É parte da satisfação de suas necessidades materiais/biológicas. O ser humano é também um “ser de cultura” – e você falou muito bem na questão anterior da importância que a cultura tem no entendimento da educação em Paulo Freire, bem como do grupo que o acompanhava, como Álvaro Vieira Pinto e outros mais – a cultura como este terreno que também é característico do ser humano. Homem-natureza, homem-cultura. Eu digo que, neste caso, o “ser mais”, que é uma expressão – como você sabe – muito mais hegeliana, mas muito acentuada no trabalho de Freire; esse devir também tem seu traço com o existencialismo, já que o ser humano não é aquele que nasce, mas aquele

que se vai tornando. É aquele que é impulsionado a “ser mais”, no sentido de buscar humanizar-se de maneira ininterrupta, entender o processo de humanização como um processo ininterrupto que vai do berço até o último suspiro e faz com que o ser humano nunca se contente com o que já sabe, mas busque de maneira socrática entender que sabe pouco, por mais que tenha acumulado conhecimento. Eu acho muito bonito isto em Freire, porque ele nos conduz e nos instiga a buscar avançar no processo de humanização. Ressalto que também entendo educação popular como um processo de humanização. É a humanização que se faz a cada dia e sempre enfrentando as tendências desumanizantes, como acontece hoje no mundo e, especialmente, no Brasil, invadido pelas tendências nazifascistas. Que quem luta pelo processo de humanização ininterruptamente deve lutar também contra o processo de desumanização, a que nós também estamos sujeitos. Então, é preciso entender esse “ser mais” como um convite a que a gente não perca nunca esse horizonte da utopia, de uma busca processual de transformação. Lembro de uma entrevista, que eu costumo também citar muito, concedida por Freire a alguém que lhe perguntava como ele se sentia por ser tratado, em todo o mundo, como o criador de uma pedagogia genuína. Ele diz, enquanto falava sobre o “método Paulo Freire”: “Eu me sinto orgulhoso e agradecido deste tratamento, deste reconhecimento. Quero, porém, dizer que minha gula é bem maior, a minha gula é transformar a sociedade”. Então, aí está o dever, aí está uma ilustração do “ser mais” em Freire. É buscar transformar o mundo transformando a sociedade. É buscar fazer de maneira crítica e continuada a leitura de mundo, mas, ao mesmo tempo, ter o compromisso de reescrever o mundo. Não se trata só da leitura com mais crítica, por mais adequada que se faça, mas é preciso intervir no mundo. Eu escuto com frequência a Rádio Universitária da UFPE e me impacta muito ouvir, a cada dia que eu a escuto, esta frase genuinamente freireana: “Nenhuma realidade é isso mesmo, nenhuma realidade é assim mesmo. Toda realidade humana está submetida à possibilidade de nossa intervenção nela”. Isto é Freire, na sua trajetória existencial completa. Sempre foi assim. Esse ardor de transformar as gentes e o mundo. Transformá-los para melhor, a partir de seu próprio exemplo, seu próprio esforço e sua própria busca.

**Professor Humberto:** Professor Alder, à medida que o senhor vai falando, eu vou percebendo muito o antropólogo Paulo Freire e, ao mesmo tempo, o filósofo. Esse pensador, segundo o que o senhor estava dizendo, não se separa das coisas. Percebo, por exemplo, essa relação do “ser mais” com o inédito viável, numa perspectiva de Ernst Bloch, que existe na obra do Paulo Freire, essa perspectiva da utopia, né?

**Professor Alder Júlio:** Isso.

**Professor Humberto:** Essa utopia que, ao mesmo tempo é uma utopia para si próprio como ser humano, ou seja, formar um “ser humano melhor” e, ao mesmo tempo, um “mundo melhor”, que poderia se traduzir nessa perspectiva dialética: ao se transformar, transformar o mundo e, ao mesmo tempo, transformar o mundo transformando a si mesmo. É disso que o senhor trata? Essa leitura é possível na obra de Paulo Freire? Para mim, é possível perceber, por exemplo, essa ideia quando Paulo Freire confronta o direito dele de muitas vezes, por sua circunstância pessoal, não poder discutir certos temas ou ser colocado como impossibilitado de discutir certos temas. Eu trago um exemplo que é da bell hooks, que eu imagino que o senhor deva conhecer. É uma pensadora, uma educadora, na verdade, é uma encantadora porque tem uma forma maravilhosa de ler Paulo Freire. Joga a gente para discutir o novo a partir da obra dele. Numa das brincadeiras que ela faz, entrevista a si própria, porque “bell hooks”, além de ser essa compleição fabulosa de coisas, é um pseudônimo. Ela faz uma entrevista ao pseudônimo dela – imagine, a pessoa faz uma entrevista ao seu pseudônimo! Em um momento em que está discutindo os limites do movimento feminista e também do movimento anti-racismo nos Estados Unidos, cita uma passagem de Paulo Freire de “Por uma pedagogia da pergunta” e mostra como as ideias de Paulo Freire podem ser adaptadas a esse debate: “Se as mulheres forem críticas, terão que aceitar nossa contribuição como homens, assim como os trabalhadores têm que aceitar a nossa contribuição como intelectuais. Porque é um dever e um direito que eu tenho de participar da transformação da sociedade. Assim, se as mulheres devem ter a principal responsabilidade em sua luta (eu vou adendar, o protagonismo), elas têm de saber que essa luta também é nossa, isto é, daqueles homens que não aceitam a posição machista no mundo. O mesmo se dá com o racismo. Enquanto homem branco, aparentemente, porque sempre digo que não tenho muita certeza da minha branquidão, a questão é saber se eu estou realmente contra o racismo de forma radical. Se estou, então tenho o dever e o direito de lutar com o povo negro contra o racismo”. Enfim, a mim me parece que essa relação com a utopia é também uma forma de se questionar, de se juntar sempre à luta, mas de se questionar qual o seu lugar, qual é a sua posição, quais são os limites da sua posição para o tempo inteiro “ser mais”. Não sei se é isso ou se eu estou equivocado...

**Professor Alder Júlio:** Foi muito feliz no comentário e nos exemplos que traz. Acho importante a parte do primeiro citado. Ernst Bloch, em seu livro “O princípio Esperança”, demonstra a afinidade profunda que a gente constata com o Paulo Freire.

Essa inquietação de manter vivo o “esperançar” numa transformação do mundo, da gente e também de ordem pessoal. Como buscar refazer o mundo a partir do nosso testemunho comunitário e pessoal? Isso nos chama a atenção também, essa remissão a Ernst Bloch em suas dialéticas do “já” e “ainda não”. O “já” faz uma diferença muito grande para que freireanos ou outros simpatizantes ou mesmo não simpatizantes entendamos a necessidade de compreender, por exemplo, o processo revolucionário que já está acontecendo a partir de nossas práticas, experiências moleculares, capacidade de observar e de reforçar o que acontece nas correntezas subterrâneas. Esta revolução já está acontecendo aqui e agora, a partir do momento em que eu vá descobrindo e reforçando aquelas práticas que entendo características desse processo de mudança mais amplo. Isso já está se fazendo agora e, quando a gente não entende assim, a gente acaba correndo risco de transpor para um horizonte longínquo aquilo que é obra do momento. É obra de agora também. É como se a gente estivesse fazendo uma separação entre sementes do imediato, sementes do cotidiano e sementes de caráter macro. Essa ruptura não ajuda a gente a ser mais. O que ajuda a gente a buscar esse horizonte, de maneira consequente e de maneira freireana, é entender que a revolução é um processo que começa já ou não acontecerá nunca, diferentemente de certas correntes marxistas e não marxistas de décadas recentes, que apostam que é preciso derrubar tudo que está aí para, a partir de então, começar um novo. Isso a gente já viu e deu errado. A gente tem que entender que é de agora que tem que começar essa nova sociedade. Ela deve já acontecer em nossas práticas – como está acontecendo. Eu não estou aqui produzindo ilusão. Quando você visita assentamentos do campo, assentamentos do MST, do Movimento Pequenos Agricultores, por exemplo, você vai ver quantas experiências dignas deste caráter revolucionário: de convivência com o semiárido, no caso do Nordeste; de criação de novas tecnologias em respeito à mãe natureza, experiências magníficas de agroecologia e de permacultura; mas também experiências de atividades coletivas que estão sendo realizadas agora. Isso é molecular. Isso é o novo acontecendo. Isso é revolução já se fazendo – tendo a compreensão de que esta tem uma dimensão molecular. É um “já” possível. No entanto, a gente tem que entender que o processo mais completo é uma construção que demanda também as condições históricas necessárias. Freire está nesta direção. Também a citação em relação às feministas é muito apropriada para entender que a luta que nós travamos é uma luta conjunta, é uma luta em que feministas não são apenas características das mulheres, essas características têm que estar presentes também no polo masculino dessa mesma relação. Evidentemente, entendendo que o

protagonismo maior tem que ser das principais vítimas dessa sociedade de classe, dessa sociedade patriarcal. No entanto, aqueles homens, aqueles membros do polo masculino das relações de gênero, também são agentes importantes nesse mesmo processo de mudança na perspectiva feminista. Muito bem lembrada a citação da nossa amiga feminista, para entender que, tanto do ponto de vista de gênero quanto do ponto de vista de etnia, a gente não pode se dar ao luxo de excluir os participantes e as participantes, tendo em vista o mesmo horizonte de luta, para reforçar a capacidade de transformação.

**Professora Ciani:** Professor Alder, aproveitando que Humberto traz essa referência a bell hooks e às feministas, eu queria perguntar como o senhor percebe o pensamento de Paulo Freire se conectar com o pensamento que tem se desenvolvido na América Latina?

**Professor Alder Júlio:** Excelente. Viva a Pacha Mama! Viva a pátria grande! Importante dizer como Freire também se impactou e se impregnou desses valores latino-americanos. Quantas viagens de Freire, não apenas ao Chile, onde morou e esteve longamente, mas quantos convites ele recebeu de outras gentes latino-americanas... Ele tinha também esse ardor pela América Latina – antes de partir em 1997, ele estava em busca de atender a um convite de Cuba, por exemplo. Observem que esse estreitamento de relações do Paulo Freire com América Latina é muito grande. É uma pena que, de certa maneira, nós temos dificuldade ainda hoje de aprofundar a nossa relação com os nossos irmãos e irmãs latino-americanos. Talvez tenhamos muito tempo buscando saber o que se passa bem nos Estados Unidos e na Europa e desconhecemos a realidade latino-americana. Não sabemos bem o que se passa no nosso vizinho Uruguai, na Argentina, no Chile, na Bolívia, no Equador, no Peru, na Colômbia, na Venezuela, nas Guianas, na América Central, no Caribe, no México. Então, é preciso, sob essa perspectiva freireana de “amorosidade” e do “inédito viável”, estreitar essas relações. A falha é muito mais nossa de brasileiras e brasileiros do que dos outros povos. Acho que há um esforço muito maior, nessas décadas, por parte de nossos irmãos latino-americanos – da pátria grande – do que esforço nosso, por exemplo. Claro que a gente tem avanço nessa direção. Eu vejo, por exemplo, que, sobretudo a partir dos movimentos sociais populares, isso tem avançado bastante. A *Vía Campesina* é um exemplo ilustrativo de como a gente é chamado, historicamente, a se unir com os nossos vizinhos latino-americanos. Gostei muito, Ciani, desta sua provocação, desta pergunta, porque é relevante e atualíssima. A gente não pode – e não tem como – enfrentar os graves problemas históricos atuais se a gente não fizer

comunhão com os latino-americanos, principalmente, junto àqueles povos que mais são perseguidos, como é o caso de Cuba e da Nicarágua. O caso de Cuba é marcado por mais de 60 anos de uma punição injusta, de um bloqueio que sufoca e estrangula a economia dos cubanos e, mesmo assim, diante de todos esses maus tratos, têm saído pérolas do povo cubano, como é o caso da sua atuação na pandemia com o desenvolvimento de vacinas importantes, que eles dispuseram não somente a amigos, companheiros e camaradas da América Latina, como a Venezuela. Também se dispuseram a mandar médicos cubanos para a Europa no mesmo combate da pandemia. Hoje, Cuba sofre muita punição injusta do Império e é preciso que a gente, inspirado em Paulo Freire, também se some a esta luta de resistência dos povos perseguidos da América Latina.

**Professora Ciani:** Enquanto o senhor falava, eu pensava aqui na pandemia e na atuação de Cuba com relação a isso... Agora, em 2021, a gente celebra os 100 anos do nascimento de Paulo Freire. Diante disso, desse marco, o que o senhor destaca da práxis freireana nesse período?

**Professor Alder Júlio:** A práxis freireana nos inspira hoje no enfrentamento deste quadro horrendo, desta barbárie caracterizada por uma multiplicidade de crises: crise sanitária, como a pandemia; crise socioambiental, sobre a qual pouco falamos nessa entrevista, mas de enorme importância. A sensibilidade freireana nos aguça hoje a tomar como prioridade zero o combate aos ataques feitos à mãe natureza, tanto do ponto de vista do agronegócio, dos garimpeiros, dos madeireiros, dos grileiros na Amazônia, mas também de outros territórios, como o combate ao envenenamento do subsolo, das águas, do solo, das plantas, dos animais e dos humanos pelo agronegócio. Não esqueçamos aquele documentário tão importante chamado “O Veneno Está na Mesa”. Em mais de uma versão, em mais de uma edição, aquele documentário importante foi publicado... Estar com Freire é ter consciência de como a realidade anda acontecendo com essa multiplicidade de crises: sanitária, como a pandemia; crise socioambiental; crise econômica, que já havia antes da pandemia, principalmente, depois do golpe de 2016, que começa ainda em 2013, sob os auspícios dos Estados Unidos. A gente nota a culpabilidade forte que, por exemplo, Sérgio Moro tem nessas suas interações com a CIA, com os Estados Unidos, desde 2013, durante o governo Dilma. Essa crise já existia e ela foi agravada também durante o governo Bolsonaro por conta do desmonte que o país vem sofrendo do ponto de vista das leis trabalhistas, da previdência social, de perdas enormes que a classe trabalhadora tem tido nesse governo. Um governo fascista que se vale da democracia, portanto é eleito nela,

exatamente com o propósito de destruí-la, de corroer suas instituições, como acontece no presente. Nós temos as crises – volto a repetir – sanitária, socioambiental, econômica, política e temos ainda a enfrentar o racismo, a perseguição aos povos originários, a perseguição à comunidade LGBT. A gente tem, então, uma confluência de crises que não dependem apenas da pandemia. A pandemia foi uma ocasião em que essas crises se agravaram, mas certamente esse desmonte já vem desde o governo Temer, desde a instalação do golpe híbrido aqui no Brasil. Portanto, com Freire, nós encontramos força para buscar reverter essa situação a partir das correntezas subterrâneas, a partir daquelas forças que são mais capazes de reverter e estão em busca de uma nova sociedade. Quando eu falo dessas forças novas, eu me refiro principalmente aos movimentos sociais do campo e da cidade, eu me refiro aos movimentos negros, aos coletivos feministas, ao movimento dos povos indígenas, aos movimentos dos camponeses e camponesas. Eu me refiro a toda uma rede de movimentos sociais do campo e das periferias urbanas que tem esse desafio pela frente, de cada dia mais fortalecer o trabalho de base em novo estilo. Freire está presente na tentativa de entender que a realidade não está dada. A gente não pode esmorecer nem se render aos desafios do presente, a gente tem que tomar posições e essas posições vêm sendo tomadas também se a gente frequenta, se a gente é capaz de localizar essas correntezas subterrâneas: os movimentos sociais populares, o movimento sindical, até certo ponto, e, mesmo alguns grupos partidários de esquerda, que têm ajudado nessa direção... grupos da teologia da libertação, que também estão nessa mesma direção. No entanto, a gente hoje encontra desafios que a gente não encontrava há décadas, por exemplo, a tecnologia, as *fake news*. Como, então, lidar com isso? Como a gente pode fazer um uso melhor das novas tecnologias, mas sem prejuízo de nossas lutas presenciais, sem prejuízo de a gente, ao utilizar as novas tecnologias e a ferramenta à distância, abrir mão da forma presencial? Que a gente não abra mão jamais de comparecer às lutas de forma presencial no campo e na cidade. Eu vejo que um dos meios de comunicação que eu acompanho, o 247, tem também o Opera Mundi, do Breno Altman, mas, eu me referi ao 247, sempre, às quintas-feiras, comparece o André Constantino, um exemplo de militância, porque, apesar da comunicação à distância, não abre mão de estar junto aos favelados, onde ele mora, mas também se deslocando para outros estados, se deslocando para outras favelas na Bahia e em outras partes também. Ele é um exemplo de que a gente pode e deve combinar a luta a distância das novas tecnologias com a luta presencial. Acho que esse é um passo importante para a gente dar, sob inspiração freireana, de que a gente não pode cometer mais o erro de

confiar exageradamente no processo eleitoral. A gente sabe da fragilidade grave de nossa democracia, como ela vem sendo corroída, e que não basta a gente confiar no processo eleitoral. O que não quer dizer que a gente o abandone ou o subestime, mas reservar o melhor de nossas energias, para além do processo eleitoral, nas lutas populares de reversão.

**Professora Ciani:** Professor Alder, quando o senhor vai falando nesse campo da necessidade de se construírem alianças e darem-se as mãos para poder seguir nessa reconstrução da sociedade, me vem à mente que Paulo Freire nunca andou só e como ele sempre esteve com muitas pessoas, sendo importante ressaltar que a cabeça dele pensava a partir do lugar em que os pés pisavam. Como as relações de Paulo Freire aparecem na sua práxis?

**Professor Alder Júlio:** Você fala na “sua” de quem?

**Professora Ciani:** Na sua e na dele.

**Professor Alder Júlio:** Está bem. Obrigado, Ciani, pela provocação muito instigante que você faz. A partir de Freire, entendo que a gente tem escolhas importantes a fazer. Por exemplo, a gente deve exercitar a cada dia a criticidade, a cada dia a gente deve estar com olhos abertos e bem munidos para olhar o mundo. Acho que olhar o mundo, tentar compreender o mundo de maneira desarmada, quer dizer, desnuda, sem ter lentes que nos ajudem a ver melhor o mundo, de maneira crítica, a gente não vai longe. Ter sempre a percepção aprimorada, no sentido de a gente acompanhar o que a realidade nos apresenta. Neste sentido, não adianta tirar uma foto da realidade tal como se apresenta agora. A gente precisa estar sempre em movimento para buscar se aproximar melhor dessa realidade. Significa dizer que tem mais vantagem em conhecer, de maneira mais objetiva, mais satisfatória, a realidade. Quem caminha, quem procura andar, quem procura pisar em outros lugares, a exemplo do peregrino/da peregrina, tem à sua frente todo o mundo a conhecer, a desbravar, a compartilhar, a também aprender e ensinar com os outros, mais do que quem fica no seu cantinho. Então, neste caso, o convite freireano é de a gente buscar desbravar essa realidade. Esse desbravar, no entanto, não se esgota com o conhecimento razoável dessa realidade, dessa conjuntura, dessa leitura do mundo, mas ela se completa à medida que a gente também arregace as mangas e parta para iniciativas de intervenção nessa realidade. Essa intervenção se dá tanto coletivamente – principalmente por meio das nossas organizações de base da sociedade civil –, fortalecendo a sociedade civil e também aqueles movimentos sociais que lutam com a perspectiva alternativa à barbárie. Aqui, faço um parênteses para dizer que distingo

com frequência aqueles movimentos sociais, digamos, convencionais, que se formam, que se desenvolvem a partir de sua bandeira de luta e, uma vez conquistados os direitos relativos a essa bandeira, refluem e não se engajam em outros movimentos em busca de fortalecer a luta por uma nova sociedade, ou seja, por um novo modo de produção, de consumo, de gestão societal. Eu distingo esses movimentos daqueles que são menos numerosos, que têm uma alternativa de sociedade, têm uma alternativa de sociabilidade para além da bandeira específica. Isso significa, na prática, dizer que, se eu integro um coletivo feminista, eu não posso entender que a minha preocupação, a minha cabeça, a minha ação se deem apenas na perspectiva única daquele coletivo feminista. Eu tenho que reforçar meu apoio e minha solidariedade também aos movimentos negros, até porque a mulher também é negra... eu tenho que estar associada a essa luta das negras e dos negros, dos povos originários. Que bonito é quando as mulheres indígenas vão a Brasília naquela passeata da Marcha das Margaridas! Quanta riqueza! Quanta riqueza e quanto aprendizado! Quanto ensinamento aos próprios movimentos sociais populares. Então, é preciso entender que esse desafio que Freire nos inspira a enfrentar é certamente coletivo nesta perspectiva de conexão, de unidade na diversidade, mas também – eu queria chamar atenção –, do ponto de vista pessoal, de cada uma e cada um de nós entender que, para contribuir como militante, como pesquisador de um movimento social, por exemplo, nós temos que levar alguma contribuição e, para isso, a gente tem que se preparar. A formação não se dá só coletivamente, ela se dá também de maneira pessoal, a cada dia, exercitando a crítica e autocrítica, buscando ver na agenda onde foi que os nossos pés pisaram e se eu não poderia pisar outros chãos melhores do que aquele em que eu estou pisando; se eu não poderia potencializar minha ação transformadora. Então, essa avaliação, essa autoavaliação da nossa agenda, por exemplo, busca sempre potencializá-la, aprimorá-la, melhorá-la, busca essa contribuição pessoal, o que se dá por um exercício do qual eu não abro mão, que é o exercício da mística revolucionária. Neste caso, mística não é categoria teológica. Eu estou usando como aquela sinergia tão presente, por exemplo, no pensamento e na obra de Ernst Bloch, mas também de Paulo Freire. Essa energia que me faz também visibilizar esse processo revolucionário nas ações minúsculas que eu desenvolvo, testemunhando no espaço de família, de amizade, de trabalho, dos movimentos populares, de outras experiências pastorais. Que esse mesmo testemunho ajude a convencer mais as pessoas que nos acompanham, também os movimentos populares, a entenderem que, sem essa mística revolucionária,

esta imersão, a cada dia, na nossa autoavaliação, no nosso exercício de autocrítica... A gente pode ter belas palavras, mas é o testemunho, na verdade, que move as pessoas.

**Professor Humberto:** Professor Alder, e se a origem da luta da mulher começa diante do senhor de escravizados, que as tinha, como também a crianças e adolescentes, a idosos, a mulheres negras, a homens negros, como sua propriedade, nenhuma luta de transformação pode acontecer sem ser feminista, sem ser antirracista e sem ser contra a discriminação em face da população LGBTQIA+.

**Professor Alder Júlio:** Excelente!

**Professor Humberto:** As falas do senhor inspiram muito a gente a pensar... Se a origem do poder no Brasil, se a origem da nossa violência, da nossa opressão é comum, a nossa luta também tem que ser comum. Não dá para ser uma luta em separado.

**Professor Alder Júlio:** Muito bem! Fico contente em ouvir esse reforço que você nos traz, Humberto. Digo que não se trata, como muitas vezes se cria, de um falso debate, de uma falsa questão. Não é possível centrar atenção na luta de classes como se a classe não fosse também composta de mulheres, de negros e negras, de membros da comunidade LGBTQIA+, de povos originários, de favelados, de outras expressões de nossa cultura. É um falso dilema, que nós somos chamados a superar. Não há nenhuma contraposição entre a luta de classes, tendo a classe como um fio condutor, com as demais formas de luta feministas, étnicas, negras, indígenas, de geração também, jovens, adultos, crianças, adolescentes, assim por diante, e também a questão socioambiental. Eu diria que o que hoje nos preocupa com urgência maior é a questão socioambiental. A gente deve cada dia mais organizar debates e compromissos também nesta perspectiva de combater aqueles ataques, que são crescentes e, portanto, provocando ameaças concretas de extinção da própria humanidade. Então, é a luta maior e, se a gente não é capaz de superar ou de conter os avanços destrutivos que andam acontecendo, a gente não vai ter nem como lutar depois noutros ambientes do ponto de vista étnico, de gênero, geracional, de espacialidade e do ponto de vista de classe.

**Professora Ciani:** Professor Alder, diante de toda essa conversa que nós estamos tendo aqui, como o senhor percebe a influência do cristianismo popular na práxis de Paulo Freire e na relação que ele manteve com os movimentos populares?

**Professor Alder Júlio:** Muito apropriada e oportuna a pergunta. Pensar Freire é pensar numa teia de relações. Pensar Freire é entender que seu legado de amorosidade se faz presente nas mais diversas dimensões, como já mencionamos, na

dimensão cósmica, ecológica, étnica, de gênero, espacialidade, do trabalho, mas também na dimensão que comporta as relações com o sagrado. Nas relações com o sagrado, Paulo Freire é alguém que nos deixa traços muito instigantes, mesmo não sendo teólogo. Mas, refletindo à vontade com teólogos e com teólogas. Lembremo-nos que ele, por exemplo, foi chamado pela grande figura do James Cone, autor de “O Deus dos Oprimidos”, a prefaciar sua obra. Freire atende a este convite e este contato se faz presente naquele livro, uma coletânea de ensaios, “Ação Cultural para a Liberdade”. Lá, está a referência a James Cone. Isso para dizer que, ao longo de sua vida, de diferentes maneiras... Por exemplo, antes do exílio, ele parece ter uma relação com o catolicismo mais orgânica, uma relação, digamos, convencional, embora crítica também. No entanto, esta capacidade crítica foi potencializada a partir do seu exílio também, a partir de sua convivência com outras maneiras de seguir Jesus. Todo mundo sabe que ele foi convidado pelo Conselho Mundial de Igrejas, que não tem a presença da Igreja Católica. A confiança e a certeza do preparo de Paulo Freire para administrar, para gerir aquele centro de educação... O departamento de educação foi entregue a Paulo Freire – evidentemente acompanhado de uma equipe valorosa, da qual ele nunca se afastou. Isto dá oportunidade a Freire de aprender e de crescer cada vez mais na dimensão ecumênica, na dimensão crítica do cristianismo também. Isso vai aproximá-lo cada vez mais de alguns teólogos da libertação, de tal modo que, na relação que Freire teve com Dom Helder surge a categoria “conscientização” (esta categoria deve muito a Dom Helder). É a partir do seu convívio próximo com tantos autores e autoras da “teologia da libertação” que ele vai se firmando nessa linha. A certa altura, um dos teólogos da libertação de referência nacional e internacional, refiro-me a Clodovis Boff, irmão de Leonardo Boff, ao escrever, lá em 1978, um livro editado pela [Editora] Vozes, “Comunidade eclesial, comunidade política”, em certo capítulo, faz uma relação, uma lista dos principais teólogos em ação e, entre esses teólogos, ele inclui o próprio Paulo Freire. Então, Paulo Freire é aí tomado e reconhecido como um teólogo da libertação. Na verdade, quem lê, por exemplo, “Ação Cultural para a Liberdade”, naquele capítulo em que ele fala sobre a educação das igrejas na América Latina, por exemplo, percebe que ele cumpre o papel de teólogo de forma exímia – com o detalhe de ele não quer ser caracterizado como um teólogo, mas como alguém que está buscando se entrosar nessa perspectiva da libertação. Do mesmo modo como Enrique Dussel, o grande filósofo da libertação, Freire está, nessa educação libertadora, muito afinado com os valores da “teologia da libertação”.

**Professor Humberto:** Professor Alder, para a gente se encaminhar para o final, eu queria fazer uma penúltima pergunta e, em seguida, a professora Ciani vai fazer o encerramento desse momento entre nós. Eu queria fazer duas perguntas já encadeadas para que o senhor possa discorrer. Primeiro seria: o senhor acredita que a universidade e a escola, hoje ou em algum momento no Brasil, conheceram, ainda que parcialmente, Paulo Freire? E o quanto a universidade e a escola, se não conheceram ou se conhecem parcialmente, perdem por não conhecer ou conhecer apenas parcialmente Paulo Freire neste momento da nossa história?

**Professor Alder Júlio:** Obrigado pela pergunta, Humberto.

**Professor Humberto:** E, por fim, estava esquecendo... hoje a gente discute a possibilidade de instituir-se uma “escola sem partido”. Quais são em perdas que se tem quando a escola e a universidade conhecem pouco, conhecem parcialmente ou se negam a conhecer Paulo Freire?

**Professor Alder Júlio:** Obrigado mais uma vez. Sinto que, pela complexidade, relevância e extensão dos questionamentos levantados, vocês estão dando muita corda a alguém que se chama Alder Calado, mas que é compulsivo para falar. Eu preciso do controle de vocês diante da empolgação que eu tenho quando escuto provocações como estas. Eu digo que, evidentemente, Paulo Freire é um educador que tem também seu lugar assegurado na escola. Não por acaso, foi convidado pela professora Luiza Erundina para ser o secretário da educação daquele município. No entanto, a gula de Freire, desde a forma como ele define a escola, tomando distância da espacialidade, das paredes, do concreto da escola, e buscando outro formato, centrado nas relações sociais vivenciadas ali, é muito maior do que o espaço escolar. Ele é o grande artífice de buscar entender a escola como uma rede de relações entre os sujeitos aprendentes e sujeitos que também dão a sua contribuição neste mesmo processo, como educadores e educadoras. Então, é alguém que tem, sim, lugar na escola. No entanto, é preciso também entender que o campo da educação popular na perspectiva freireana tem menos lugar na escola do que na rua, do que nos movimentos sociais populares, do que nas forças que são mais constituídas em um potencial de transformação. Eu digo isso também acrescentando o meu pensamento – talvez não seja propriamente fundado em Paulo Freire, mas eu quero que seja e espero que tenha afinidade nessa direção. Quando a gente pensa a escola, da educação infantil à pós-graduação, a escola pública ou particular, a gente sabe que ela é organizada pelo Estado, sendo ele o grande artífice dos processos de concepção, de avaliação, de planejamento. Enfim, fundamentalmente, a escola é organizada pelo Estado e ele – isso não é uma opinião

de um esquerdista, é uma constatação –, desde o antigo Egito, na Babilônia, até a contemporaneidade, em todos os tempos, sempre foi e continua sendo uma pilastra, ao lado do mercado classista, para fazer valer os interesses da classe dominante. Eu não estou dando opinião, estou falando de uma constatação. A quem queira pesquisar, verifique qual é a função principal do Estado desde o antigo até à contemporaneidade. A função principal do Estado é fazer valer as políticas econômicas concebidas e impostas pelas transnacionais. Hoje, por exemplo, as transnacionais operam em todas as dimensões da vida. Isso é notável na economia, no caso da agricultura, do extrativismo, da pecuária, do comércio, da indústria, mas também fora da economia, na cultura, em que uma rede de empresas fornece valores e contravalores, no âmbito das igrejas, da própria religião, na educação – vejam a indústria de faculdades, de instituições de ensino superior. Tudo isso, evidentemente, se contrapõe a esta educação popular na perspectiva freireana. Mas, não é só isso. O espaço escolar é definido no tempo. Cada um de nós passa no espaço escolar 5, 10, 15, 25 anos – como é meu caso e de outras pessoas também – e isso é um tempo definido, após o qual, tendência não é de manter vivo esse processo formativo. A escola não tem a continuidade exigida pela educação popular, não é a continuidade que vai desde o berço até o último suspiro, ou seja, que acompanha o ser humano em toda a sua trajetória existencial. A escola ocupa cada um e cada uma de nós durante certo período e, evidentemente, a gente não tem como assegurar a continuidade do tempo escolar para além do período escolar. Mas, embora controlado pelo Estado, também nos espaços escolares – ainda bem –, por causa de algumas universidades, algumas escolas de ensino fundamental I e II, da própria educação infantil, recebemos conteúdos preciosos. Claro que como exceção. Na grande maioria, não. Na grande maioria, é um desastre. Pois bem, recebemos essa contribuição, por exemplo, por meio da extensão universitária, que é um campo muito freireano de se trabalhar, quando sob aquela perspectiva de comunicação, como lembrou o professor Humberto. Eu vejo, sobretudo nas escolas públicas e nas universidades, um veio muito precioso para a educação popular, mas sempre junto com os movimentos sociais populares, buscando essa rede de produção de conhecimento em mutirão. *Aí, vinga; aí, tem sentido a extensão praticada.* A extensão praticada que, ao mesmo tempo, leva em consideração a pesquisa e a docência. Sem essa junção, sem essa contribuição conjunta, harmoniosa e orgânica, a gente despreza o nome “universidade”. Pode ser um instituto de ensino superior, mas sem esse compromisso de fazer atuar, de maneira orgânica e permanente, a docência, a pesquisa e a extensão, abertas aos valores, às aspirações e as necessidades

das classes populares. É o campo que que a gente tem, a brecha dentro do ensino, da escola. Evidentemente, a gente tem que entender que nós que trabalhamos na escola, na universidade e, embora prezemos por isso, sabemos os limites que a gente enfrenta para fazer extensão. Mesmo assim, a gente não despreza nem subestima esse campo de atuação. A gente cai em campo com essa disputa bastante desigual. A classe dominante impõe seus valores, fazendo as universidades atenderem aos seus reclamos. A classe popular, de maneira minoritária, do ponto de vista substantivo, é atendida pela extensão. Então, é um desafio que a gente tem. Eu mesmo não vou desistir de trabalhar na escola desde a educação infantil à pós-graduação, mas sempre vendo estes limites e, ao mesmo tempo, priorizando a minha luta junto aos movimentos sociais populares, às forças grávidas de processo transformador, grávidas de maior potencialidade transformadora. Mas as coisas não se fazem em separado. É possível também apostar nestes espaços de disputa de que a gente dispõe.

**Professora Ciani:** Professor Alder, chegamos na nossa última pergunta. Ela dialoga um pouco com essa conjuntura que nós estamos vivendo e tem o objetivo de fazer a gente pensar um pouco sobre o que o Brasil e o mundo têm passado nesses últimos 100 anos, digamos assim. Diante de todos esses desafios e de todos esses pontos que o senhor já trouxe nas suas intervenções, como a obra de Paulo Freire pode nos ajudar a compreender e a agir na atualidade, diante dos desafios que tem se colocado à nossa frente?

**Professor Alder Júlio:** Obrigado, Ciani, pela pergunta muito fecunda. De um lado, a gente entende que Paulo Freire nos ensina em palavras e atos a vermos o mundo e as gentes em perspectiva histórica. A perspectiva histórica nos diz que, ao longo do tempo, nas gentes, no mundo, há uma dimensão de mutação. As coisas não são como são, mas elas são submetidas à possibilidade de transformação e isso nos incute uma esperança, um esperar muito grande. Se as coisas hoje estão assim – de, vamos dizer, 5 anos para cá –, elas não têm que continuar assim. Pelo exercício da perspectiva histórica, a gente nota que já tivemos momentos iguais ou piores ainda. No entanto, povos foram capazes de vencer, de superar essas desgraças. Então, o primeiro ponto que eu gostaria de acentuar, inspirado em Freire, é que a gente precisa olhar esse mundo, olhar essa tragédia em perspectiva, olhar essa tragédia, não como algo feito e acabado, mas como algo que a gente é chamado a enfrentar, como na perspectiva do filósofo da práxis, o nome que Gramsci dava a Marx. No pensamento de Marx, os homens e as mulheres – a gente acrescenta – não enfrentam problemas para os quais não tragam elementos de resposta. Então, quando a gente está em mutirão, quando a

gente está engajado no processo de transformação, a gente sempre encontra caminhos que vão lançando luz sobre saídas possíveis e, ainda, que durem muito tempo. Elas têm que ser iniciadas agora, essas buscas, essas experiências de transformação. O segundo ponto é que a gente tem que ver quais são as forças historicamente grávidas dessa força revolucionária, dessa força de transformação. Eu não preciso esconder de ninguém e todo mundo conhece que se trata das organizações de base de nossa sociedade civil, em especial, os movimentos sociais populares, além de outros, como associações ou ONGs – não todas, mas ONGs também –, outras experiências, como a da economia solidária popular, a da própria extensão popular. Então, há outras forças a quem nós somos chamados a nos juntar para entender que o processo de mudança não pode acontecer de um ato individual e de um pequeno grupo desejoso de mudar. A mudança tem que se tornar realidade a partir daqueles sujeitos históricos mais grávidos de potencial revolucionário, de potencial transformador. A gente precisa chegar perto dessas forças, desses movimentos sociais e apreciar o que anda acontecendo nas correntezas subterrâneas, sendo que isso se expressa em múltiplas experiências, experiências fecundas, experiências grávidas de revolução. Precisamos chegar perto dessa gente, apostar na educação popular de caráter freireano, com o objetivo de entender que a gente vai construindo a partir já do mundo novo, com nossas experiências, que se caracterizam de acordo com os valores nos quais acreditamos. A gente está preparando a revolução, também a mudança desse cenário de barbárie, a partir dos gestos moleculares que a gente é capaz de testemunhar no dia a dia. Outro aspecto é entender que, sem três momentos que são priorizados pelos movimentos sociais populares, a gente não vai longe. Eu me refiro primeiro ao processo organizativo, a buscar nos organizar de maneira efetiva. Quando eu falo “nos organizar”, eu me lembro dos anos 1980, quando a gente já tinha experiência nisso. Organizar-se em pequenos grupos e organizar-se em núcleos, organizar-se em círculos de cultura, organizar-se em células e organizar-se em conselhos populares. Essa organização tem que dar continuidade. Não se trata de criar de maneira formal ou jurídica, mas de animar com reuniões frequentes, com reuniões em que os grandes temas da pauta estejam presentes e discutidos com o protagonismo de todos. Esse é um jeito de a gente lidar com essas forças populares. O processo organizativo tem que ter a sua autonomia e autonomia significa decisões tomadas pela base e comunicadas também a outros núcleos, outras pequenas comunidades, outras instâncias, a partir dos delegados e delegadas tirados de cada núcleo. Esses delegados e delegadas não só são escolhidos para representar, entre aspas. Como delegados, são obrigados a

repassarem para outras instâncias aquilo que foi decidido pela base, ainda que o que tenha sido decidido contrarie sua própria opção. Portanto, o delegado ou a delegada tem que reverberar quais foram as decisões da base. A gente perdeu um pouco desse princípio da delegação lá atrás. A gente perdeu um pouco disso. Exercitar a autonomia também é importante, tendo ela o sentido de que as nossas atividades devem ser financiadas pelos nossos tostões, como fazia o PT das origens, como faziam outras organizações eclesiais, por exemplo, a Ação Católica, que se organizava desse jeito. Então, é a partir dos nossos tostões que nós vamos financiar as atividades organizativas da gente sem dependência do mercado capitalista ou ainda do Estado. Pelas nossas próprias forças, como acontece hoje com – eu vou dizer um deles – o Movimento das Comunidades Populares. Hoje, recebi o seu último número de jornal. É um movimento que já existe há mais de 50 anos, sucedâneo da JAC (Juventude Agrária Católica). De lá para cá, vem agindo a partir de nomes diferenciados, mas sendo o mesmo movimento: Movimento das Comunidades Populares. Os seus membros são enraizados no campo e na cidade, atuando junto com as pessoas, com os grupos em mutirão, em construção de casas, nas lutas pela moradia e, ao mesmo tempo, tendo relação, conversando com outros movimentos, conversando com sindicatos e até conversando em tempo de eleição – em que não acreditam muito, mas também estão abertos a esse processo. Acho que o processo organizativo é este. É este processo organizativo, com autonomia, com a preocupação de estar sempre fazendo rodízio, de modo que os coordenadores de hoje não se eternizem naquela função. Passado o seu período de coordenação, que voltem para a base e os que e as que estão na base venham exercitar coordenação. Quando a gente respeita esse agir, esse movimento, a gente evita, por exemplo, a manipulação. Você pode confiar muito na boa vontade, na bondade de Alder Júlio, no entanto, se ele for aquele que esteja sempre como coordenador, ele vai ter a tentação em certa altura de manipular a base. Agora, se esta base também é formada, ela participa do processo organizativo. Ela jamais vai se deixar manipular pelas boas ideias de Alder Júlio. Então, eu acho que esse mecanismo da alternância é um mecanismo revolucionário que tem que ser assumido também por quem quer transformar esta sociedade. Até aqui, eu falei do processo organizativo. Agora, há, em conjunto com isso, o processo formativo, ou seja, da educação popular, que, embora tendo seus contatos, seus nexos com a educação escolar – eu não nego –, a prioridade é a formação que se dê nos próprios movimentos sociais populares, sobretudo a partir da decisão de buscar acentuar 3 aspectos: o “inédito viável”, o horizonte de sociedade que a gente quer construir e, para alimentar este horizonte, a

“memória histórica”, a “memória histórica” das lutas sociais do Brasil, do nordeste, da América Latina, do mundo. É fundamental saber os sujeitos que antes enfrentaram seus desafios e tiveram conquistas e reveses; estudar a fundo vitórias e também derrotas, para que a gente saiba extrair lições dessas lutas sociais, além de exercitar a “memória histórica” a partir de figuras exemplares, a partir de figuras que, de fato, sintetizam aquilo que a gente busca hoje alcançar, essa nova sociedade. Daí a importância de a gente fazer trabalhos de base também por meio de estudos de biografias de figuras importantes latino-americanas, mundiais, brasileiras, nordestinas e assim por diante. Um terceiro elemento dessa educação popular está presente na práxis. Quando a práxis é esse instrumento que vai fazer a ponte entre o passado e o futuro, é este exercício da práxis que vai fazer vivos os nossos compromissos de hoje, de estar sempre atento ao que anda acontecendo no mundo, na América Latina, no Brasil, por diversas fontes (uma tendência ruim é aquela de a gente se habituar a escutar e ver as mesmas fontes, aquelas que nos agrada). Nós somos chamados a exercitar uma diversidade de fontes, mesmo aquelas que não nos agradam e que não sejam do nosso campo. A gente tem que acompanhar para saber também qual é o argumento, qual é a lógica pela qual essas forças se exercitam, para a gente, então, aumentar a nossa potencialidade de combater essas mesmas forças. Então, a diversidade de fontes é uma condição importante para a gente exercitar esse processo formativo. A práxis exige de nós uma leitura atenta de mundo, mas também reescrevê-lo, nos organizar para mudar este mundo a partir de nós. Neste sentido, nos anos 1980, nós tínhamos um exercício muito fecundo que era o de ter periódicos, jornais, boletins, revistas, por exemplo, a revista “Teoria e Debate” do PT. Havia também outras revistas, como a “Princípio”, mas também jornais, como o “Companheiro”, o “Em Tempo”, o “Tribuna da Luta Operária”, o “A voz da Unidade” e outros mais. Nós alimentávamos as nossas discussões também por esse processo informativo de acompanhamento crítico e autocrítico da realidade por meio desses jornais, dessas revistas e até de livros. Eu me lembro que eu lia “Teoria política”, livro organizado por Tarso Genro nos anos 1980. Aquilo também era instrumento de formação que a gente dificilmente consegue no espaço escolar. Mas, conseguia nesses núcleos. Para recapitular, eu mencionei, três momentos: o processo organizativo, o processo formativo e, agora, o processo de luta. Esse processo de luta vem alimentado pela conexão íntima entre a organização e a formação, de tal modo que a luta signifique a visibilização que esses movimentos e forças oferecem, dando o recado para a sociedade de que estão agindo e buscando encorajar mais gente a entrar neste mesmo processo. Como eu lhes disse, vocês, talvez

sem pensar, deram muita corda para Alder Calado falar besteiras e se empolgar com elas.

**Professora Ciani:** Que bom que a gente deu essa corda e que tem essa abertura e essa sincronicidade, digamos assim, para que essa corda seja dada. Eu só posso lhe agradecer mais uma vez, Professor Alder, por mais esse encontro e mais essa oportunidade do aprendizado. Me senti de volta naqueles nossos encontros do Centro de Estudos da Contemporaneidade, em que a gente trocava e aprendia tanta coisa e em tantos outros momentos em que a gente pôde partilhar. Lembro de tanta gente querida que dividiu aqueles espaços e aqueles momentos com a gente também... Então, muito obrigada ao senhor, muito obrigada a Humberto pelo convite e por toda essa confiança, porque eu aposto que esse dossiê de comemoração de 100 anos de Paulo Freire vai ser uma das coisas mais bonitas que a gente já pôde fazer e, talvez, uma das coisas mais bonitas que tenha sido feita nesse ano tão feio de 2021 e nessa conjuntura tão difícil que a gente está vivendo.

**Professor Humberto:** Eu também fico muito feliz, Ciani. Na verdade, eu vou agradecer primeiro a você, porque essa conversa não teria acontecido, não teria sido proporcionada, se não tivesse você nesse meio do caminho. Eu fico mais feliz ainda, porque, quando eu pude estar uma única vez na minha vida com o Professor Alder, foi proporcionado por você, lá no Centro de Educação na UFPB, em 2006, quando eu começava a pensar na minha dissertação e ainda tateava uma série de coisas sobre Paulo Freire, sobre a importância dele para uma teoria jurídica – e continuo acreditando que é possível pensar uma teoria jurídica da libertação, uma teoria jurídica do oprimido, a partir da obra de Paulo Freire. Portanto, eu te agradeço por aquele momento de apresentação em que nós, Professor Alder e eu, nem pudemos conversar muito, mas foi um momento ímpar na minha vida que se consagra com isto que vivo agora com vocês. Então, em lugar de agradecer primeiro ao Professor Alder, eu queria agradecer a você por estar nos juntando mais uma vez e fazendo desse momento, uma vivência tão bonita. Em seguida, agradeço ao Professor Alder por compartilhar dessa lucidez, dessa maneira tão intensa, dessa capacidade incrível de ler o mundo e, ao mesmo tempo, de pensar a obra de Paulo Freire como uma ponte com a realidade e compartilhar conosco. Eu fiquei tão feliz com esse momento de hoje que nem vi a hora passar. Nós já estamos aqui há mais de 2 horas. Enquanto estávamos aqui conversando, mandei uma mensagem para uma pessoa que nós três aqui conhecemos, que é o professor Alexandre Aguiar. Ele é um grande companheiro da UFG e temos feito um trabalho interessante no Núcleo de Práticas Jurídicas com o povo lá em Goiás.

Quando eu comecei a falar sobre esse dossiê de 100 anos de Paulo Freire, ele imediatamente falou: “você precisa entrevistar um sujeito fenomenal de Pernambuco”. Eu respondi: “você está falando do Professor Alder Júlio?”. Ele: “Exatamente!”. Por fim, eu disse: “Nós vamos entrevistá-lo. Está tudo organizado para isso”. O Alexandre manda um abraço caloroso para o senhor. Apesar da distância, diz que o carinho dele continua o mesmo pelo senhor. As palavras que ele me traz aqui e as que ele já me trouxe a respeito do senhor foram muito grandes. Não dá para descrever totalmente.

**Professor Alder Júlio:** Obrigado!

**Professor Humberto:** Muito obrigado por esse momento conosco.

**Professor Alder Júlio:** Obrigado, digo eu, professor Humberto, professora Ciani, pela oportunidade que me deram com tanta generosidade. Também se sintam corresponsáveis por aquilo que vocês acabam de avaliar. Vocês são corresponsáveis pela qualidade das perguntas, pelas observações preciosas no diálogo que nós estabelecemos aqui. Além do agradecimento, eu também faço presente a figura do professor Alexandre, por quem tenho uma simpatia e uma amizade muito grande. Me lembro das conversas da gente, tanto em Caruaru quanto aqui em João Pessoa. Uma das últimas das quais foi feita na companhia de Rosário, por exemplo, e também da sua companheira. Fico muito contente com essa mensagem também generosa da parte do professor Alexandre, a quem mando minhas recomendações e minhas saudações freireanas.

**Professor Humberto:** Ele fala dessas conversas aqui. Ele disse que anda com saudade delas.

**Professor Alder Júlio:** Muito bem.

**Professor Humberto:** Então, espero que um dia vocês possam se reencontrar para manter esses diálogos. Professor Alder, muito obrigado por esse momento conosco. Muito obrigado, professora Ciani. Espero que a gente consiga se encontrar outras vezes mais na vida.

---

**Alder Júlio Ferreira Calado** | Licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru (1972), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (1979) e Doutorado em Anthropologie et Sociologie du Politique - Université de Paris VIII (1991). Foi docente-pesquisador na FAFICA, em Caruaru. Tem desenvolvido pesquisas interdisciplinares (áreas de Sociologia, Educação, Ciência Política, Antropologia e História), com ênfase em

Movimentos Sociais, Educação Popular, Estado, Religião. É membro do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas. Acompanha a trajetória de Movimentos Sociais no Nordeste, desde meados dos anos 1960. Desenvolve atividades de assessoria de formação em Serra Redonda (PB), desde 1981, junto a jovens do meio popular rural e urbano. Nos últimos anos, vem se dedicando a pesquisas sobre saberes alternativos à sociabilidade dominante.

**José Humberto de Góes Junior** | Professor da Universidade Federal de Goiás/Campus Goiás, Coordenador de Estágios e Núcleo de Práticas Jurídicas do Curso de Direito da UFG/Campus Goiás; Doutor em Direito, Estado e Constituição, pela Universidade de Brasília; Mestre em Ciências Jurídicas, Área de Concentração em Direitos Humanos, pela Universidade Federal da Paraíba.

**Ciani Sueli das Neves** | Doutoranda em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco (PPGD - UNICAP). Mestre em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba (2007), Especialista em Direitos Humanos pela UFPB (2004), e graduada em Direito pelas ASCES (2002). Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Público, atuando principalmente nos seguintes temas: Direitos Humanos, Direito Ambiental, Gênero, Relações Raciais, Políticas Públicas, Direito Internacional, Teoria do Direito, Teoria do Estado, Colonialidade, Povos Tradicionais, Movimentos Sociais e Violência contra a Mulher. Pesquisadora do Grupo Asa Branca de Criminologia.

---